

Às vésperas de 1989

Victor Meyer¹

O marxismo nunca conviveu bem com as pretensas previsões do futuro. Não seriam poucos os exemplos de marxistas que arriscaram previsões sobre o futuro imediato e precisaram depois se resignar com grandes frustrações. Exceção se faça para as previsões de caráter geral, associadas às análises sobre as contradições fundamentais que acompanham o movimento histórico. Por exemplo, Guevara disse há mais de vinte anos atrás: "a revolução latino-americana será socialista ou será caricatura de revolução. Observação profundamente inteligente, confirmada até aqui pelos fatos subsequentes, e inteiramente válida nos tempos atuais. Mas se trata de uma conclusão referente às tendências históricas gerais. Diferentes são as tentativas de previsões sobre o futuro imediato. Deixemos esses outros exercícios aos futurólogos.

Contudo, os marxistas podem e devem analisar as tendências em desenvolvimento na atualidade. Podem e devem interpretar os fatos atuais. Porque ao se avaliar as tendências históricas já postas em movimento diante dos nossos olhos, é possível tomar partido e orientar a prática.

Essas considerações podem parecer supérfluas. Mas julgamos prudente começar lembrando o óbvio, porque o óbvio também é importante. Não será demais lembrá-lo, principalmente ao se começar uma análise sobre um momento histórico tão especial como é esse que hoje vivemos, ao se findar o ano de 1988.

1988 presenciou, já ao seu final, dois fatos que em particular sacudiram a sociedade brasileira: a greve dos metalúrgicos de Volta Redonda e a vitória do PT nas eleições municipais, inclusive na região metropolitana de São Paulo. Esses acontecimentos extraordinariamente importantes coincidiram no tempo, ocorreram simultaneamente. Ambos os movimentos caminham na mesma direção, representam manifestações de inconformismo dos trabalhadores brasileiros. Mas é possível perceber nesses mesmos fatos um outro aspecto, talvez mais complexo: uma dubiedade, como se eles emitissem, cada um é ao mesmo tempo, duas luzes distintas sobre a cena nacional.

As eleições representaram uma manifestação amplamente legal, foi o protesto através do voto. Mas aconteceu paralelamente à dispersão dos "partidos da ordem". Em outras palavras, a manifestação pelo voto, não obstante representar a mais ordeira e legal forma de manifestação política, foi como uma luz mostrando às claras um cenário de forças polarizadas. Um protesto ordeiro, mas um protesto contra a ordem existente. Por outro lado, os fatos de Volta Redonda também parecem mergulhados na mesma dubiedade: seria uma greve legal, uma reivindicação salarial já alcançada por trabalhadores de outras empresas estatais. No entanto, transformou-se numa confrontação. Os operários em defesa, apelaram para barricadas e esboçaram um enfrentamento diante das forças da repressão.

Em ambos os fatos, nas eleições e na greve da Siderúrgica (acompanhada pela greve da Petrobrás), as manifestações ordeiras parecem ao mesmo tempo indicar sinais de radicalização. Contrariando, aparentemente, a cronologia histórica mais frequente: nos acostumamos a estudar a história das lutas de classes delimitando os períodos de legalidade e manifestações ordeiras dos períodos de radicalização e confronto. Agora, parece que os significados dos fatos aqui referidos se embaralham: ambos representam manifestações de luta no interior da ordem social existente, típicas dos períodos de legalidade, mas parecem indicar, ao mesmo tempo, um contexto de radicalização.

Vale discutir a situação mais detidamente.

¹ Economista, Doutor em Administração Pública pela Universidade de Paris VIII. Foi Professor Assistente do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS (Feira de Santana/BA) e Professor de Economia da UCSal (Salvador/BA). Falecido em 16 de abril de 2001, aos 52 anos. Mais informações em www.centrovictormeyer.org.br > Acervos > Arquivo Victor Meyer.

O PT e o processo eleitoral: em busca da maioria

A sociedade brasileira viveu, nos últimos anos, uma fase de normalidade burguesa. Nessas condições, seria natural que o Partido do Trabalhadores buscasse nas campanhas eleitorais e na conquista do voto um dos mais importantes caminhos para o seu crescimento e para a ampliação da sua influência junto às massas. Através das sucessivas campanhas, através da propaganda sistemática que as eleições propiciam, o PT busca alcançar a maioria da sociedade brasileira.

O objetivo é lícito. Numa sociedade complexa como a nossa, não se pode esperar que um partido ligado apenas a minorias venha a lograr realizar transformações sociais efetivas. É preciso atingir a maioria — os milhões de trabalhadores, ao longo de todo o país, inclusive nas vastas e dispersas regiões interioranas.

Em outros momentos, no começo da trajetória do PT, essa necessidade nem sempre foi bem compreendida. Houve quem opusesse a diretriz de um "partido operário" contra o "partido de massas". A contraposição era estéril. Em todos os lugares onde a classe operária conseguiu dirigir transformações sociais, o fez com o consentimento ativo das massas não operárias, interessadas nas mudanças. Tratava-se, exatamente, de enfrentar um desafio crucial para o futuro do jovem Partido: o "PT de macacão" precisava se fazer ouvir pelos milhões de trabalhadores do país, e precisava atrair esses milhões para a sua política anticapitalista. Nas condições conjunturais dadas, a via eleitoral era indispensável para que esse objetivo fosse alcançado.

Nem sempre o Partido conseguiu falar essa linguagem anticapitalista. Nem sempre conseguiu ultrapassar as frases semi-populistas, bem ao gosto da classe média, e por isso mesmo nem sempre o Partido conseguiu atingir o mundo dos trabalhadores. Essas restrições, no entanto, extrapolam os objetivos específicos da presente análise. Vamos considerar que, de um modo geral, e apesar desses deslises, o Partido conseguiu refletir a consciência dos destacamentos mais avançados dos trabalhadores brasileiros. Desde a campanha pioneira de Lula para o Governo de São Paulo, quando firmou alicerces sobre um discurso marcadamente anticapitalista, o PT avançou no sentido da ampliação de sua influência junto às massas.

O uso da via eleitoral como fio condutor da sua expansão não seria fato novo na tradição operária internacional. O Partido Social Democrata Alemão, antes da cisão entre revolucionários e reformistas, também seguiu a via eleitoral. Lições extremamente importantes foram deixadas no testamento político do velho Engels - na Introdução à "Lutas de Classes na França" — escrita pouco antes da sua morte. O dado novo que o PT apresenta é a rapidez com que conseguiu crescer. Na Alemanha de finais do século XIX, segundo testemunho de Engels, o Partido Social Democrata havia vivido mais de vinte anos para passar de 102.000 votos (1871) para 1.817.000 votos (na primeira metade da década de noventa). Já o PT conseguiu, depois de oito anos apenas, a expressiva votação de mais de 11 milhões (eleições municipais recentes). Claro que, dadas as dimensões da população trabalhadora do Brasil, esses dados ainda são insuficientes.

No entanto, são dados que impressionam pela rapidez com que foram alcançados. Circunstância somente explicável se levamos em conta a atuação de fenômenos mais profundos, que percorrem a base estrutural da nossa sociedade. Estamos aqui nos referindo aos fenômenos econômicos. Uma crise econômica acompanhada por elevadas taxas de inflação, agravada pela sangria de riquezas a título de pagamento dos encargos da dívida externa, um movimento empresarial e estatal no sentido da racionalização econômica mediante elevação da taxa de exploração: são esses os elementos que atingem os milhões de trabalhadores, não somente os operários industriais mas toda uma imensa massa de assalariados e de pequenos proprietários rurais, elevando a miséria social a um nível explosivo.

São esses mesmos fatores econômicos, alastrando-se como um câncer sobre o tecido da ordem social, os responsáveis em última instância não apenas pelo rápido crescimento do PT mas também pela rápida deterioração dos partidos centristas ligados às classes dominantes. As últimas eleições derrubaram o velho PMDB como se derruba um castelo de cartas. As últimas eleições não deram maiores alentos ao PSDB, — tentativa de

revitalização do centro democrático burguês. Derrotado o centro, as eleições fizeram esboçar um quadro de polarização entre a esquerda e a direita.

Fenômeno reconhecido e amplamente debatido pela burguesia e por seus intelectuais. Sintomático que as elites estejam agora tentando reconstruir os elos para uma força política centrista: a burguesia está tentando desarmar o cenário de polarização, pois o cenário de polarização é sinônimo de cenário de provável confrontação nas lutas de classes. A burguesia tenta evitar a confrontação. O êxito na reconstituição do centro seria o êxito no combate ao PT por vias civilizadas. Mas, a reconstituição do centro (como, de resto, o fortalecimento de qualquer tendência política) não depende apenas da vontade dos seus articuladores. Para que o centro político volte a crescer, é preciso que o sistema supere a crise cíclica, afaste os fatores de estrangulamento hoje atuantes sobre a economia brasileira, responsáveis pelo agravamento dos sofrimentos das massas trabalhadoras.

Essa possibilidade não pode ser a princípio descartada. Vale recordar que não se pode fazer futurologia. A recuperação econômica é possível, se bem que bastante difícil no curto prazo. Contradições internas, entrelaçadas às contradições internacionais do capitalismo, pressionam a economia brasileira de tal modo que as saídas imediatas parecem cada vez mais distantes.

Se não há recuperação econômica a curto prazo, então continuam em ação as mesmas forças que produziram a polarização política de 15 de novembro último. Que são também as mesmas forças que em última análise estão por trás da radicalização da luta em Volta Redonda.

Dissemos que é remota a saída para a crise econômica, no curto prazo. Porque a expansão imperialista atual se dá nos marcos de uma nova onda de monopolização e de novo surto de modernização tecnológica, do que decorrem pressões poderosíssimas, no sentido da reorganização das suas estruturas. O imperialismo pressiona os países dependentes para que avancem na concentração do capital e assegurem desde já um suprimento de mais-valia acima do habitual, a título de pagamento de juros sobre a dívida. Exige arrocho e desemprego.

Em segundo lugar, a dinâmica interna da economia brasileira está provocando um auge inflacionário que ameaça fugir do controle, sendo inviável debelá-lo de imediato se permanecerem as atuais regras para as dívidas externa e interna. As contradições estão, portanto, se entrelaçando. Daí as dificuldades para a superação da crise no curto prazo.

Enquanto perdura, a crise abala o equilíbrio social. Isso explica o crescimento avassalador do PT. Se as forças da atualidade continuarem em ação (se a crise econômica não for superada), a radicalização política tenderá a continuar em marcha. Alguns analistas burgueses tentam minimizar o significado dos acontecimentos em curso. Os votos descarregados no PT, essa avalanche inesperada, não podem ser enquadrados num quadro de normalidade democrática.

Nas atuais circunstâncias, o resultado eleitoral não pode simplesmente ser entendido como expressão da livre alternância das forças democráticas, etc, como dizem os comentaristas superficiais. Há uma diferença considerável entre o crescimento eleitoral do PT, como se deu nesse ano, e o crescimento, por exemplo, da social democracia alemã, tal como visto por Engels em 1895. No nosso caso, a avalanche eleitoral, acompanhada pela derrocada dos partidos da democracia burguesa, significa radicalização política.

O nosso 15 de novembro, coincidindo eleições com greves radicalizadas, num ambiente de crise econômica e de piora da situação dos trabalhadores, aparece como um sinal de beligerância social. Os diversos acontecimentos que envolveram os meados de novembro último representam, ao mesmo tempo, acontecimentos que são ordeiros e que ameaçam a ordem social.

A continuarem em ação as forças de hoje, então o PT estará envolvido numa corrida contra o tempo. É preciso preparar-se para o próximo e importantíssimo teste eleitoral. O PT precisa dele para novamente tentar atingir os milhões de trabalhadores, para tentar multiplicar amplamente a sua influência. O PT precisa ser o partido da maioria, sob as bandeiras anticapitalistas tradicionalmente lideradas pelo "PT de macacão" - o núcleo

operário que fundou o partido. O PT precisa da legalidade eleitoral para atingir os milhões. Mas, ao mesmo tempo, tem que saber que a vitória eleitoral para a presidência da república, apesar de um passo formalmente legal e ordeiro, o colocará em posição de desafio contra essa mesma ordem.

Esse é o sentido indicados nos acontecimentos atuais. A manifestação eleitoral das massas foi legal e ordeira mas foi um sinal de desafio lançado por essas mesmas massas contra essa mesma ordem. No fundo do quadro, as greves do período, altamente tensas, confirmam os sinais dos tempos. Temos a obrigação de discutir as perspectivas levando em conta o "recado" que os fatos de hoje lançam sobre a linha do horizonte.

O PT entra na corrida eleitoral para a presidência da república com grande possibilidade de vitória. No entanto, seus instrumentos de acesso às massas são rudimentares, são ainda vestígios de um passado recente, no qual podia ainda se justificar como um partido recém-fundado e ainda em vias de estruturação. Para realçar o atraso em que se encontram os instrumentos do PT, voltemos a lembrar o exemplo da social democracia alemã.

Ao longo de quarenta anos, situados em torno da viragem do século, o partido social democrata caminhou rumo à conquista da maioria, como diria Engels em seu testamento. No limite do período de legalidade, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o Partido Social Democrata Alemão contava com quatro milhões de membros. Como instrumentos de ligação com as massas, contava com noventa jornais diários, numa tiragem de 1.353.000 exemplares.²

O nosso partido ainda está muito distante desses números. Um grande partido, às vésperas de uma batalha eleitoral de grande importância, num quadro tendente à radicalização das lutas de classes, não pode prescindir de uma grande imprensa. De jornais nacional e regionais em condições de atingir os trabalhadores em grandes tiragens.

Precisa intensificar, também, a formação de lideranças intermediárias. Isso não se faz sem propaganda e atividades sistemáticas de formação. Para o que não basta uma escola nacional de difícil acesso. Tornam-se necessárias escolas, regionais e locais, de formação de militantes. O PT não contou, como a social democracia alemã vista por Engels, com todos aqueles anos de lento crescimento. Os acontecimentos de 1988 foram um grande salto no tempo. Os desafios colocados pelos fatos são sempre irreversíveis. Agora, o PT tem que correr contra o tempo.

"O PT não pode decepcionar"

A vitória eleitoral em São Paulo colocou em milhares de bocas essa afirmação: o PT não pode decepcionar. Reconhecimento que expressa intensamente a consciência das responsabilidades políticas antes apenas antevistas e agora colocadas na prática. Mas há muitas maneiras de se interpretar qual seria o aspecto central dos compromissos e das responsabilidades do Partido.

O PT cresceu e obteve vitórias eleitorais porque não se aliou às classes dominantes. Não apoiou os governos "democráticos", não andou enxergando facções consequentes ou progressistas ou patriotas, etc, nas fileiras das classes dominantes. Essa constatação é básica; foi porque se manteve como força ligada em seus compromissos aos trabalhadores da cidade e do campo, inclusive nos momentos de ascensão da demagogia burguesa que o PT pôde crescer posteriormente. Pôde crescer no momento em que as diversas demagogias burguesas se esvaziaram e as contradições do sistema fizeram agravar as condições de vida dos trabalhadores. Foi por isso que o PT cresceu. Enquanto outras forças de esquerda, como o PCdoB e o PC, que estiveram nesse mesmo período às voltas com as frações "consequentes" das classes dominantes, hoje vegetam na insignificância. Então podemos dizer: o PT não decepcionará enquanto se mantiver fiel a essas alianças e compromissos de classes que o fizeram crescer. Ou seja: enquanto fizer a política dos trabalhadores, sem a burguesia. Caso venha a romper esse compromisso, caso venha a aliar-se a facções das classes dominantes, o PT estará não apenas "decepcionando": estará traindo. De modo que seria mais apropriado

² Dados da nota biográfica sobre Rosa Luxemburgo in. *Imperialismo e Acumulação*, Lisboa, Coleção 70. Ver também *História Política y Social de Alemanha* de A. Ramos Oliveira, México, 1970.

afirmar: o PT não pode trair.

Pressões no sentido do arrefecimento desse compromisso certamente não faltarão. Cuidado especial merece ser dado às discussões que se travam entre nós, nas quais alguns companheiros defendem uma aliança com o "médio capital". Cuidado especial, porque a fronteira entre o "médio" e grande capital é tão tênue e convencional que, do ponto de vista político, pode-se mesmo dizer que se trata de uma fronteira imaginária. No calor da luta, a estratégia de aliança com o "médio" capital dificilmente poderia ser disciplinada. Dificilmente se poderia garantir que as alianças com o "médio" capital não se estariam confundindo com uma aliança com o capital simplesmente

O PT nasceu e conseguiu o atual crescimento porque apareceu diante dos trabalhadores como força de oposição à exploração capitalista. Justamente agora, na iminência de grandes testes históricos, não vamos abrir os flancos.

Vivemos na confluência entre a normalidade burguesa e a radicalização nas lutas de classes. A linguagem do PT precisa acompanhar os sinais dos tempos. A campanha presidencial precisará, naturalmente, refletir as expectativas abertas pelas massas quanto às respostas práticas para os seus problemas cruciais. O PT tem falado no não pagamento da dívida externa, na rediscussão da dívida interna, e na nacionalização dos bancos. Com essas medidas, certamente um governo de trabalhadores liderado pelo PT deterá a sangria das riquezas rumo ao centro imperialista, e deterá a especulação financeira. Mas é preciso acrescentar que os trabalhadores precisarão, assim que o permita a força das suas organizações de base, estabelecer o controle da produção.

As comissões de empresa - de fábrica, de fazenda, de escola, etc, - não nascem apenas por força da vontade do partido. Mas se as lutas prosseguirem, e com elas a radicalização já esboçada, se colocará a possibilidade do controle da produção. Quando as comissões deverão se imiscuir na contabilidade das empresas, exigir dos empresários, seja qual for o tipo da empresa, a abertura de todas as planilhas e de todos os dados referentes à destinação dos recursos, ao cálculo dos preços, etc. Um futuro governo federal petista dificilmente encontraria meios de levar adiante a plataforma de transformações já proposta se não contar com o respaldo de organizações de base dos trabalhadores, em centenas de milhares, em todo o País.

A experiência do controle da produção não é ainda conhecida pelos trabalhadores brasileiros, pelo menos em termos das grandes massas. Antes mesmo que a possibilidade de realização do controle venha a se configurar, a propaganda petista deve levantar o problema. Como o desenvolvimento político é sempre desigual, provavelmente as primeiras oportunidades para praticar o controle surgirão nos centros de vanguarda do nosso movimento operário. É uma possibilidade, e como tal deve ser abordada na propaganda.

E, para que essa propaganda seja coerente, o PT precisa acrescentar que nos desdobramentos futuros das experiências do controle da produção se colocará a tarefa da nacionalização dos monopólios nacionais e estrangeiros

O PT tem falado na reforma agrária conduzida pelos próprios trabalhadores. Mas a reforma agrária por si só, não deterá a recriação da especulação com a terra. A defesa da nacionalização do solo também é atual na propaganda. Nacionalização inclusive do solo urbano porque não se poderia esperar pela resolução do problema da moradia enquanto o solo urbano estiver controlado pelos monopólios imobiliários.

Vivemos uma corrida contra o tempo: o PT discute, com realismo, a eventualidade de ocupar a presidência da república. No entanto, simultaneamente, a nossa classe operária ainda não conquistou de fato a liberdade sindical. Não basta o que está escrito na lei. Nem o que está ou estará brevemente escrito nos estatutos sindicais aprovados em assembleias de trabalhadores. A liberdade sindical não se mede nas palavras escritas, seja qual for o texto considerado. A liberdade sindical precisa firmar-se dentro das empresas. Ao mesmo tempo, as Comissões de Fábrica ainda não alcançaram a maioria das empresas industriais ou não. Mas não se pode aventar um governo federal petista, realizando grandes transformações sociais favoráveis aos trabalhadores, sem que na sustentação da pirâmide da força nacional dos trabalhadores estejam suas organizações de base.

Porque o único governo petista possível seria um governo de trabalhadores. Sustentado em organizações de trabalhadores. Sem a burguesia e evidentemente, assediado sob fogo direto pelas forças da reação. Impossível pensar essa situação sem perguntar pelo estado em que se encontram hoje as organizações de base dos trabalhadores. Estamos muito aquém das necessidades. Não bastariam milhares de comissões de fábrica. A situação começaria a ganhar contornos suportáveis a partir da existência de centenas de milhares de organizações de base, realmente representativas, nas cidades e no campo.

A se confirmar a tendência em curso, no sentido da retomada do movimento grevista, o próximo ano oferecerá oportunidades preciosas para que o movimento dos trabalhadores avance nessa corrida contra o tempo. Sem amplas organizações, envolvendo milhões de trabalhadores, o governo petista seria um gigante eleitoral com pés de barro. Não basta ganhar as eleições no terreno da organização sindical e política, a partir das bases, vale também a advertência de Engels: precisamos da maioria.

(Escrito em dez/1988 como contribuição ao debate interno no Partido dos Trabalhadores. Publicado em jan/1989 no nº 3 do caderno "PT 2ª zona - Debate", Salvador - BA.)

Este documento encontra-se em
www.centrovictormeyer.org.br
